



PROMETEUS - FILOSOFIA



MESTRADO EM FILOSOFIA/ UFS - CATEDRA UNESCO/ ARCHA

JANEIRO/ JUNHO DE 2014 - VOLUME 7 - ANO 7 - N. 15

ISSN: 2176-5960

TRADUÇÃO E NOTAS DE *PARADOXA STOICORUM, I*, DE CÍCERO

Fábio da Silva Fortes
Doutor em Linguística
Docente da FALE/UFJF

RESUMO: Escrita provavelmente em 46 a.C., os *Paradoxa Stoicorum* é considerada a primeira obra propriamente filosófica de Cícero. Nela, Cícero examina seis princípios filosóficos aparentemente contrários ao senso comum. Nesta primeira parte, cuja tradução apresentamos, Cícero se detém sobre o conceito de “bem” (*bonum*), examinando duas crenças que pretende ver refutadas: (i) a de que o bem está na posse das riquezas materiais; e (ii) a de que o bem deriva de uma vida levada pelos prazeres.

PALAVRAS-CHAVE: Cícero. Estoicismo. Paradoxos.

ABSTRACT: Written probably in 46 BC, is considered the first *Paradoxa Stoicorum* properly philosophical work of Cicero. Here, Cicero examines six philosophical principles apparently contrary to common sense. In this first part, whose translation we present, Cicero hold on the concept of "good" (*bonum*), examining two beliefs you want to see refuted: (i) that the well is in possession of material riches, and (ii) to that good comes from a life lived for pleasure.

KEYWORDS: Cicero. Stoicism. Paradoxes.

Introdução

Escrita, provavelmente em 46 a.C., os *Paradoxa Stoicorum* é considerada a primeira obra propriamente filosófica de Cícero. Nela, Cícero examina seis princípios filosóficos aparentemente contrários ao senso comum. Nesta primeira parte, cuja tradução apresentamos, Cícero se detém sobre o conceito de “bem” (*bonum*), examinando duas crenças que pretende ver refutadas: (i) a de que o bem está na posse das riquezas materiais; e (ii) a de que o bem deriva de uma vida levada pelos prazeres.

Para provar, em contrapartida, o princípio de que “somente o que é virtuoso é bom” (ὅτι μόνον τὸ καλὸν ἀγαθόν), Cícero desenvolve seu pensamento a partir dos seguintes argumentos:

1) o bem que deriva da posse material não traz tranquilidade para a alma: ao contrário, perturba a mente (*demovet mentem*), leva as pessoas a quererem sempre mais e a viverem com medo de perder o que possuem (par. 6);

2) o que o vulgo chama de “bens” (riqueza/prazeres) falta, muitas vezes, aos justos e abunda para os injustos, de forma que, não se devendo levar pelo senso comum (*opinio vulgi*), mas pelo raciocínio (*ratio*), esse fato fere o princípio de que o que é bemé apanágio dos justos (par. 7/8);

3) os grandes homens que fundaram e defenderam a república, unanimemente considerados virtuosos pela tradição, notabilizaram-se pelos seus feitos, não pelos bens que possuíam ou pelo luxo em que viviam (par. 10-13);

4) a busca pelo prazer iguala homens e animais; o homem, possuindo uma alma, não se torna melhor que os animais pelo gozo dos prazeres (par. 14).

Se, quanto ao conteúdo, o texto revela um exame dos princípios da filosofia helenística – especialmente do Estoicismo –, corrente em Roma em meados do século I a.C., quanto à forma, o texto parece seguir os princípios gerais da *dispositio* oratória. De fato, o texto se inicia com uma *captatio benevolentiae* (demonstrando receio pelo estilo “socrático”, embora, de fato, em nada se assemelhe aos diálogos socrático-platônicos, quanto à forma); traz, em seguida, sua experiência pessoal, como uma forma de credenciamento do ponto de vista a ser defendido e como uma forma de expor a *res oratoriae*; passa, depois disso, para a *narratio*, elencando o panteão dos grandes nomes da república romana que foram virtuosos sem possuírem riquezas ou viverem uma vida de prazeres; apresenta, então, a *refutatio* dos

argumentos contrários (a opinião do vulgo e a daqueles que, se concedem quanto à nulidade dos bens materiais enquanto fonte do bem, se aferram à crença de que os prazeres o produzem)e, finalmente, encerra com uma breve *peroratio*, na qual o autor reafirma a tese defendida.

Para esta tradução, seguimos a edição de J. G. Baiter e C. L. Kayser, *M. Tullii Ciceronis opera quae supersunt omnia*. Leipzig. Tauchnitz, 1865, que está disponível na *Perseus Digital Library*.

Paradoxo I

Que somente o que é virtuoso é bom

[6] Receio que esse discurso pareça a algum de vós extraído dos debates dos filósofos socráticos, não do meu pensamento. Contudo, direi como penso e o farei de modo mais breve do que se pode dizer de tão vasto assunto.

Por Hércules, eu, de minha parte, jamais julguei estar entre as coisas boas ou desejáveis as riquezas dos homens, nem as moradas magníficas, nem os recursos, nem o poder, nem aqueles prazeres, com os quais estão comprometidos; porquanto, embora os veja rodeados por essas coisas, vejo-os desejar mais daquilo que têm em abundância.

Com feito, a sede da cobiça não é nunca amainada nem satisfeita, não somente eles são torturados pelo desejo de aumentar aquelas coisas que já possuem, como também pelo medo de perdê-las.

[7] A esse respeito, de fato, frequentemente sinto a falta da prudência daqueles homens muito comedidos, os nossos antepassados, os quais consideraram que essas coisas percíveis e inconstantes [as partes da riqueza] devessem se chamar “bens”, embora, pelo assunto e pelos fatos, julgassem, de longe, de outro modo. Pode existir o bem para alguém mau? Ou pode alguém, na abundância de bens, ser, ele próprio, não bom? Ora, mas todas essas coisas vemos que tanto os injustos possuem, quanto aos justos faltam.

[8] Permita-se rir disso, se alguém quiser, mas, para mim, o raciocínio verdadeiro vale mais do que a opinião do vulgo, e eu jamais direi que terá perdido bens, aquele que perder o rebanho ou a mobília, nem deixarei de louvar, muitas vezes,

aquele sábio, Bias, que, como penso, conta-se entre os sete.¹ Quando o inimigo tomou Priene, a sua pátria, e os demais fugiram carregando muito das suas coisas, ao ser exortado por alguém a ele próprio fazer o mesmo, dizia: “Eu, de fato, estou fazendo: pois todas as minhas posses carrego comigo”. [9] Decerto, ele não considerava como sua propriedade esses joguetes da fortuna, os quais nós ainda chamamos de “bens”. Alguém perguntará: o que é, então, o bem? Se dizemos, com razão, ser bem feito algo que se faça de forma correta, honesta e com virtude, sou de opinião que somente o que é correto, honesto e virtuoso é bom.

[10] Mas essas coisas podem parecer desagradáveis, quando são debatidas friamente. Essas coisas, que parecem ser debatidas com palavras, de modo mais sutil do que é apropriado, são ilustradas pela vida e pelos feitos destes homens elevados. Pergunto, então, a vós, se aqueles que deixaram para nós esta república tão notavelmente construída parecem ter tido alguma preocupação com moedas de prata para sua ambição; ou com belos sítios, para seu deleite; ou com mobílias para seu luxo; ou com banquetes para seu prazer. [11] Trazei para diante dos olhos qualquer um dos antigos. Quereis iniciar com Rômulo? Quereis iniciar após a libertação da cidade, com aqueles mesmos que a libertaram? Afinal, com quais degraus Rômulo ascendeu ao céu? Com aqueles, que esses chamam de “bens”, ou com suas façanhas e virtudes? Como? Julgamos que tenham sido menos agradáveis aos deuses imortais os vasos e as pequenas urnas de barro da época de Numa Pompílio² do que as taças dos Sális³ entalhadas com folhas de feto? Não faço menção aos outros, com efeito, são todos iguais entre si, com exceção do Soberbo⁴.

¹ Os “sete sábios” (οἱ ἑπτὰ σοφοί), é o epíteto dado a algumas figuras lendárias, que teriam vivido entre 620 e 550 a.C, e que se destacaram não somente pela excelência do caráter e pela agudeza da mente. A lista dos sete varia de acordo com os diferentes autores, mas todos incluem Sólon, Tales, Pítacos de Mitilene e Bias de Priene. Algumas das máximas a eles atribuídas, como “nada em excesso”, “conhece-te a ti mesmo” parecem ter inculcado na cultura grega (e depois romana) as noções de submissão, piedade e virtude. Algumas dessas máximas foram inscritas no templo de Apolo em Delfos.

² *Numa Pompilius*, nos primórdios lendários da história de Roma, foi sucessor de Rômulo como rei de Roma. De acordo com a tradição, teve um longo e próspero reinado, ao qual se atribui o início de várias instituições religiosas romanas, reinado representado, em épocas posteriores, como a “idade de ouro romana”.

³ Os sacerdotes sális formavam um antigo colégio de doze (depois vinte e quatro) sacerdotes de Marte, que, no mês de março, faziam longa procissão em torno da cidade, levando escudos suntuosos, vestimentas extravagantes, cantando e dançando hinos (*carmina saliaris*) e terminando com um fausto banquete.

⁴ *Lucius Tarquinius Superbus*, rei etrusco de Roma, entre 534 e 510, cujo reinado é lembrado na tradição como um período de tirania, o que teria justificado sua expulsão por Bruto, considerado o “libertador” de Roma das mãos dos reis etruscos.

[12] Se alguém interrogasse Bruto⁵ o que teria feito ao libertar a pátria, se, do mesmo modo, interrogasse aos demais aliados do seu projeto o que tinham em vista, o que perseguiam, haveria alguém, para quem o prazer, para quem a riqueza, para quem, enfim, qualquer outra coisa além do dever de um bravo e grande homem pareceria ser o propósito? Que causa impeliu C. Múcio⁶ ao morticínio de Porsena⁷, sem qualquer esperança em sua salvação? Que força manteve Cocles⁸, sozinho, contra toda a multidão de inimigos em cima da ponte? O que lançou o pai, Décio⁹, e o filho, tendo oferecido a vida, contra a multidão armada de inimigos? Em que resulta o comedimento de C. Fabrício¹⁰, a frugalidade de meios de existência de M. Cúrio¹¹? E quanto aos dois baluartes da guerra púnica, Cn. Scipião e P. Scipião¹², que acreditaram impedir a chegada dos cartagineses com seus próprios corpos? E quanto ao Africano¹³, o velho, e quanto ao jovem? E quanto a Catão¹⁴, situado entre as épocas deles? Acaso os outros, incontáveis (com efeito, temos abundância de

⁵*Lucius Iunius Brutus*, segundo a tradição, sobrinho de Taquínio, o Soberbo, teria fingido ser tolo para escapar do destino de seu irmão, assassinado pelo tio. Chefiou o levante contra os Tarquínios e libertou a cidade. Foi um dos primeiros cônsules de Roma. Segundo a lenda, teria matado os próprios filhos que teriam tentado reconduzir os Tarquínios ao poder.

⁶*Publius Decius Mus*, um dos cônsules romanos à época da guerra latina (340 a.C.), lutando contra os etruscos liderados por Porsena.

⁷*Porsena*, príncipe etrusco no século VI a.C., que, segundo a lenda, comandou as forças etruscas, que marcharam contra Roma a fim de repor os Tarquínios no poder.

⁸*Publius Horatius Cocles*, romano lendário que teria defendido, com seus companheiros, uma das cabeceiras da ponte que dava acesso a Roma, contra todo o exército etrusco sob comando de Porsena. Enquanto a ponte estava sendo destruída, narra a lenda que Cocles teria se mantido sozinho, travando combates, tendo, finalmente, se lançado ao rio e nadado de volta à cidade.

⁹*Publius Decius Mus*, um dos cônsules romanos à época da guerra latina (340 a.C.). Segundo a lenda, fez a vitória pender para o lado romano, ao ter convencido seu inimigo a lutarem até a destruição em combate, entregando-se à morte. Seu filho, de mesmo nome, teria feito o mesmo na Batalha de Sentino (290 a.C.).

¹⁰*Gaius Fabricius Luscinus*, séc. III a.C., considerado um paradigma de frugalidade e honestidade romanas. Foi um dos embaixadores enviados a Pírrros entre 280-279, quando teria resistido a todas as tentativas de ser corrompido.

¹¹*Manius Curius Dentatus*, cônsul romano em 290, 275 e 274 a.C., tendo derrotado os samnitas (que, segundo a lenda, teriam tentado suborná-lo com ouro). Tornou-se símbolo da frugalidade e simplicidade romanas.

¹²*Cn. Cornelius Scipio Asina* e seu filho *Publius Cornelius Asina*, combatentes da guerra púnica, em meados do século III a.C. O pai foi prisioneiro dos cartagineses e combateu, como cônsul, em 254 a.C., na Sicília. O filho, combateu, com êxito, na Ístria, em 221 a.C.

¹³*Publius Cornelius Scipio Africanus Maior*, filho de P. Cipião, com apenas 25 anos de idade, foi designado, em 210 a.C., a comandar o exército romano na Hispânia, expulsando os cartagineses daquele território. Cônsul em 205 a.C., em 204 atravessou para a África com seu exército, pondo fim à guerra com sua vitória em Zama. *Publius Cornelius Scipio Aemilianus*, Cipião Africano Menor, filho adotado de P. Cipião, filho de P. Cipião Africano Maior, lutou na terceira fase da guerra púnica.

¹⁴*Marcus Porcius Cato*, conhecido como Catão, o censor (234-149 a.C.), exerceu diversos cargos públicos, tendo chegado a cônsul em 195 a.C. Combateu na segunda guerra púnica e foi censor em 184 a.C., cargo de onde veio sua fama. Dedicou-se à reforma da moral complacente da nobreza romana, combatendo o avanço do luxo e da extravagância da nobreza endinheirada.

exemplos domésticos), parecem ter acreditado que se deveria buscar para si mesmos, na vida, algo a não ser o que fosse louvável e célebre?

[13] Venham, portanto, esses que ridicularizam este discurso e pensamento e julguem eles próprios, se preferem ser semelhantes a algum desses, que estão em abundância nas habitações de mármore, resplandecendo em marfim e ouro, que estão nas estátuas, nos quadros, nos ornamentos de ouro e prata, nas obras de arte coríntias, ou preferem ser como C. Fabrício, que nada teve disso, nem quis ter. [14] No entanto, eles costumam facilmente ser convencidos a negar que tais coisas que se levam de um canto a outro, ora para cá, ora para lá, possam ser bens, mas sustentam, com astúcia e cuidado, que o prazer é o máximo bem, o que, com efeito, parece a mim ser um discurso de asnos, não de homens. Tu, a quem deus ou a mãe, como chamarei a natureza de todas as coisas, deu uma alma, a que nada é mais excelente nem mais divino, assim vais te curvar e rebaixar, considerando que nada há entre ti e um quadrúpede? Há algo bom que não torne melhor aquele que o possua?

[15] Com efeito, como qualquer um é partícipe do que é extremamente bom, assim é extremamente louvável; não há bem sobre o qual aquele que o possui não possa se jactar. O que é daqueles que vivem no prazer? Ele torna o homem melhor ou mais louvável? Por acaso alguém se enaltece ao proclamar e se jactar de possuir prazeres? No entanto, se o prazer, que é defendido pelo patrocínio de muitos, não se deve ter entre as coisas boas – quanto maior ele for, tanto mais desvia a mente de seu estado e repouso – então nada mais significa viver bem e feliz, a não ser viver de forma correta e honesta.

PARADOXON I.

Ὅτι μόνον τὸ καλὸν ἀγαθόν.

[1.6.1] Vereor, ne cui vestrum ex Socraticorum hominum disputationibus, non ex meo sensu deprompta haec videatur oratio, dicam, quod sentio, tamen, et dicam brevius, quam res tanta dici potest. Numquam [1.6.5] hercule ego neque pecunias istorum neque tecta magnifica neque opes neque imperia neque eas, quibus maxime astricti sunt, voluptates in bonis rebus aut expetendis esse duxi, quippe cum viderem rebus his circumfluentis ea tamen desiderare maxime, quibus [1.6.10] abundarent.

Neque enim umquam expletur nec satiatur cupiditatis sitis, neque solum ea qui habent libidine augendi cruciantur, sed etiam amittendi metu. [1.7.1] In quo equidem continentissimorum hominum, maiorum nostrorum, saepe requiro prudentiam, qui haec inbecilla et commutabilia [pecuniae membra] verbo bona putaverunt appellanda, cum re ac factis longe [1.7.5] aliter iudicavissent. Potestne bonum cuiquam malo

esse, aut potest quisquam in abundantia bonorum ipse esse non bonus? Atqui ista omnia talia videmus, ut [1.8.1] et inprobi habeant et absint probis. Quam ob rem licet inrideat, si qui vult, plus apud me tamen vera ratio valebit quam vulgi opinio; neque ego umquam bona perdidisse dicam, si quis pecus aut supellectilem [1.8.5] amiserit, nec non saepe laudabo sapientem illum, Biantem, ut opinor, qui numeratur in septem; cuius quom patriam Prienam cepisset hostis ceterique ita fugerent, ut multa de suis rebus asportarent, cum esset admonitus a quodam, ut idem ipse faceret, 'Ego [1.8.10] vero', inquit, 'facio; nam omnia mecum porto [1.9.1] mea.' Ille haec ludibria fortunae ne sua quidem putavit, quae nos appellamus etiam bona. Quid est igitur, quaeret aliquis, bonum? Si, quod recte fit et honeste et cum virtute, id bene fieri vere dicitur, [1.9.5] quod rectum et honestum et cum virtute est, id solum [1.10.1] opinor bonum. Sed haec videri possunt odiosiora, cum lentius disputantur; vita atque factis inlustrata sunt summorum virorum haec, quae verbis subtilius, quam satis est, disputari videntur. Quaero enim a [1.10.5] vobis, num ullam cogitationem habuisse videantur ii, qui hanc rem publicam tam praeclare fundatam nobis reliquerunt, aut argenti ad avaritiam aut amoenitatum ad delectationem aut supellectilis ad delicias aut [1.11.1] epularum ad voluptates. Ponite ante oculos unum quemque veterum. Voltis a Romulo? voltis post liberam civitatem ab iis ipsis, qui liberaverunt? Quibus tandem gradibus Romulus escendit in caelum? iisne, [1.11.5] quae isti bona appellant, an rebus gestis atque virtutibus? Quid? a Numa Pompilio minusne gratas dis immortalibus capudines ac fictiles urnulas fuisse quam felicitas Saliorum pateras arbitramur? Omitto reliquos; sunt enim omnes pares inter se praeter [1.12.1] Superbum. Brutum si qui roget, quid egerit in pátria liberanda, si quis item reliquos eiusdem consilii socios, quid spectaverint, quid secuti sint, num quis existat, cui voluptas, cui divitiae, cui denique praeter officium [1.12.5] fortis et magni viri quicquam aliud propositum fuisse videatur? Quae res ad necem Porsennae C. Mucium inpulit sine ulla spe salutis suae? quae vis Coclitem contra omnes hostium copias tenuit in ponte solum? quae patrem Decium, quae filium devota vita inmisit

[1.12.10] in armatas hostium copias? quid continentia C. Fabrici, quid tenuitas victus M'. Curi sequebatur? quid? duo propugnacula belli Punici, Cn. et P. Scipiones, qui Carthaginiensium adventum corporibus suis intercludendum putaverunt, quid? Africanus maior, <quid? [1.12.15] minor,> quid? inter horum aetates interiectus Cato, quid? innumerabiles alii (nam domesticis exemplis abundamus) cogitassene quicquam in vita sibi esse expetendum, nisi quod laudabile esset et praeclarum, [1.13.1] identur? Veniant igitur isti inrisores huius orationis ac sententiae et iam vel ipsi iudicent, utrum se horum alicuius, qui marmoreis tectis ebore et auro fulgentibus, qui signis, qui tabulis, qui caelato auro et [1.13.5] argento, qui Corinthiis operibus abundant, an C. Fabrici, qui nihil habuit eorum, nihil habere voluit, [1.14.1] similes malint. Atque haec quidem, quae modo huc, modo illuc transferuntur, facile adduci solent ut in bonis rebus esse negent, illud arte tenent accurateque defendunt, voluptatem esse summum bonum; quae [1.14.5] quidem mihi vox pecudum videtur esse, non hominum. Tu, cum tibi sive deus sive mater, ut ita dicam, rerum omnium natura dederit animum, quo nihil est praestantius neque divinius, sic te ipse abicies atque prosternes, ut nihil inter te atque inter quadripedem [1.14.10] aliquam putes interesse? Quicquam bonum est, quod [1.15.1] non eum, qui id possidet, meliorem facit? Ut enim est quisque maxime boni particeps, ita est laudabilis maxime; neque est ullum bonum, de quo non is, qui id habeat, honeste possit gloriari. Quid autem [1.15.5] est horum in voluptate? melioremne efficit aut laudabiliorem virum? an quisquam in potiendis voluptatibus gloriando se et praedicatione ecfert? Atqui si voluptas, quae plurimorum patrociniis defenditur, in rebus bonis habenda non est, eaque quo est maior, eo [1.15.10] magis mentem ex sua sede et statu demovet, profecto nihil est aliud bene et beate vivere nisi honeste et recte vivere.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CÍCERO. *M. Tullii Ciceronis opera quae supersunt omnia*. Edição de G. Baiter e C. L. Kayser. Leipzig: Tauchnitz, 1865, disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu> , acesso em nov. 2013.

HOWATSON, M.C. *The Oxford companion to Classical Literature*. Oxford: Oxford University, 2005.

LÜBCKER, F. *Il lessico classico. Lessico ragionato dell'antichità classica*. Tradução italiana de Carlo Alberto Murero. Bolonha: Zanichelli, 1989.